

ESTRUTURA ENQUADRANTE

Síntese

O APAGAMENTO DO OBJETO PRIMÁRIO E A ESTRUTURA ENQUADRANTE

Quando as condições são favoráveis à inevitável separação entre mãe e criança, ocorre no Eu uma mutação decisiva. O objeto materno se apaga - enquanto *objeto primário da fusão* - para dar lugar aos investimentos próprios ao Eu, fundadores de seu narcisismo pessoal. Eu doravante capaz de investir seus próprios objetos distintos do objeto primitivo.

Mas este apagamento não o faz desaparecer realmente. O *objeto primário* torna-se *Estrutura Enquadrante do Eu* abrigando a *alucinação negativa* da mãe.

Ora, o apagamento do objeto materno transformado em *Estrutura Enquadrante* é conseguido quando o amor do objeto é suficientemente seguro para desempenhar este papel de continente do espaço representativo.

O quadro oferece, em suma, a garantia da *presença materna na sua ausência* e pode ser preenchido por fantasias de todos os tipos, inclusive fantasias agressivas violentas que não colocarão em perigo este continente.

Este vazio nunca é percebido pelo sujeito, pois a libido investiu o espaço psíquico. Desempenha então o papel de uma matriz primordial dos investimentos futuros.

No entanto, se um trauma tal como o *luto branco* surge antes que a criança tenha podido formar este quadro de maneira suficientemente sólida, não se constitui um lugar psíquico disponível. A *Estrutura Enquadrante* circunscreve então um espaço conflitivo que se esforça por manter cativa a imagem da mãe, vendo reavivarem-se alternadamente as marcas mnêmicas do amor perdido com nostalgia, que se traduz em uma dolorosa vacuidade.

Essas alternâncias reproduzem o conflito muito antigo de um recalçamento primário fracassado à medida que o apagamento do objeto primordial não terá sido uma experiência aceitável ou aceita de comum acordo pelas duas partes da antiga simbiose mãe-criança.

Green (1988) propõe distinguir um narcisismo primário positivo (vinculável a Eros), tendendo para a unidade e a identidade, e um narcisismo primário negativo (vinculável às pulsões de destruição. Que não se manifesta pelo ódio ao objeto - o ódio é perfeitamente compatível com o refluxo da narcisismo primário positivo - mas pela tendência do Eu a desfazer a sua unidade para tender a zero. Isto se manifesta clinicamente pelo sentimento de vazio.

O que descrevemos como complexo da mãe morta nos permite compreender os insucessos da evolução favorável.

Assistimos ao fracasso da experiência de separação individualização (Mahler) onde o jovem Eu, em vez de constituir o receptáculo dos investimentos posteriores à separação, luta para reter o objeto primário.

Revive repetitivamente a perda do objeto primário, o que provoca ao nível do Eu primário confundido com o objeto, o sentimento de uma depreciação narcisista que se traduz pelo sentimento de vazio, tão característico da depressão, que é sempre resultado de uma ferida narcísica.

O objeto está morto (no sentido de não-vivo, mesmo se não tiver ocorrido nenhuma morte real); carrega por isso o Eu para um universo deserto, mortífero.

O luto branco da mãe induz o luto branco da criança.

*Retirado do texto "Complexo da mãe morta."